

Mônica Porto

Dores de Ébano



EDITORA RECANTO DAS LETRAS

Dores de
Ébano

Mônica Porto

É *Dores de*
Ébano

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Mônica Porto

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Editora responsável: Cassia Oliveira
Coordenadora editorial: Silvia Segóvia
Revisão do texto: Maciel Salles
Diagramação: Michael Douglas
1ª edição – novembro de 2021

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Porto, Mônica
Dores de Ébano / Mônica Porto. -- São Paulo : Recanto das Letras, 2021.
144 p.

ISBN: 978-85-7142-100-4

1. Poesia brasileira I. Título

21-4766

CDD B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia brasileira

“Brasil, meu Brasil brasileiro
Meu grande terreiro, meu berço e nação
Zumbi protetor, guardião padroeiro
Mandai a alforria pro meu coração”.

Composição: Gilberto Gil / Wally Salomão

Dedicatória

DEIXO AQUI TODAS as horas do meu tempo, minha infância, as lembranças, as rezas, a esperança, os lamentos e todos os meus ais aos que vieram antes, lá dos longes da Mãe África, e desembarcaram no cais. Que aqui deixaram tudo: sua cultura, seu credo, sua comida, seu trabalho, seu tempo, sua história, suas vidas e seu povo, que se reveste de sabedoria e resistência para chegar à glória.

Apresentação

UM SONHO TROUXE-ME até aqui.

De onde vim, cheguei a pensar neste sonho como muito distante e praticamente impossível. Mas tudo o que vivi trouxe-me exatamente aonde eu deveria chegar. E, ao olhar para trás, revejo cenas como em um filme em algum lugar do meu passado. Vou além desta jornada. Sinto-me expandir. Sou um mundo, um mundo de palavras não ditas e dignidades desrespeitadas. Então, abro exageradamente os olhos e ouvidos para receber este livro. Assim nasceu *Dores de Ébano*; de um sonho impossível de menina da periferia do meu estado.

Ao sonhar o *Dores de Ébano*, vi surgir em mim a busca pela ancestralidade. Comecei a questionar quem eu sou, de como aqui cheguei e em que condições me encontro como pessoa, como filha, mulher, amiga e mãe negra. Fora um longo sonho, de muitos anos, de muita preparação e aprendizagem até o meu despertar definitivo na condição de pessoa negra no país que até pouquíssimo tempo acreditava que o racismo não existia.

Confesso que o despertar foi doloroso, espinhoso mesmo. Mas extremamente necessário para a construção da pessoa que desejo ser um dia.

Por tudo que vivi, ouvi e observei, hoje apresento a você esta pérola, uma pérola negra, que até bem pouco tempo era um grãozinho de areia no oceano de minha alma em expansão, mas, abrigada pela concha que trabalhou incansavelmente transformando em pérola, eis que assim surgiu o *Dores de Ébano*, que já não me pertence, e o entrego em suas mãos para que regresse à concha ou navegue outros mares. Que leve a poesia da vida a todos os lugares. E mostre que, mesmo sendo dura, a vida sempre valerá a pena.

Prefácio

TRANSFORMAR EM PÉROLA a dor de nascer, se saber e afirmar-se como pessoa negra num mundo racista é o que se propõe a autora deste livro. Saber-se negro faz parte de um processo, como afirma a psiquiatra, psicanalista e escritora Neusa Santos Souza: “ser negro é tornar-se negro”. A poesia de Mônica Porto desvela para o leitor a descoberta, o entendimento, o reconhecimento e a afirmação da identidade negra, nas 144 páginas de *Dores de Ébano*.

O processo é doloroso, pois, assim como a concha que produz a pérola a partir de elementos externos que a incomodam, o racismo, Mônica diz num poema, é o espinho que fere a cada instante. Essa ferida aberta na sociedade, que dói na carne e na alma de quem sente e sabe a dor e a delícia de ser o que é. Do espinho também nasce a mais linda flor. E só nós sabemos, apesar de tudo, o quanto é bom sermos negras e negros, desde as nossas raízes ancestrais, nossa riqueza cultural para a humanidade, muitas vezes ignoradas em seu valor ou expropriadas. Resistir é inevitável, por isso, *Dores de Ébano* é também resistência individual e coletiva, nossa experiência comum, desde o continente africano até o Porto de São Mateus, mas que ainda traz os sons de outrora, dos tambores de Angola, como ela diz no poema

Ecoss do passado. Traz ainda ressignificações. Um menino erê, que se vê refletido no rio, ultrapassa o ego narcísico, ao se preocupar e rezar pelo rio que tanto ama.

Assim segue o livro falando de tantas questões. No entanto, a ancestralidade é fundamental. Importante não se esquecer de onde veio e falar do seu lugar, onde nasceu e vive, em São Mateus, no norte do Espírito Santo. Somos plurais. Tantas mulheres guerreiras, de todas as gerações: mães, filhas ou avós. De tantas profissões: lavadeiras, professoras, escritoras. Presentes desde os tempos de Zacimba Gaba, Maria Firmina dos Reis a Carolina Maria de Jesus e nossa contemporânea, Conceição Evaristo. A escrita de si também é coletiva, afirma Conceição.

Dores de Ébano traz o sangue derramado desde os tempos da escravização e ainda nos dias atuais: “Tenho medo / De ser preto / Em meu país / Um país que mata pretos”, Mônica revela em *Negros medos*. Ainda assim, nem tudo é só dor. É o samba que vive. É a fé ao santo preto Benedito e aos orixás. É a capoeira de Angola. É festa do povo preto. É o turbante na cabeça: “Ergo a minha cabeça / Elevo o pensamento / É para o alto / Que apontam / Os meus cabelos crespos”. É a resistência de Zumbi dos Palmares, e também uma saudade chamada banzo.

É tudo tão rico de belezuras e almas que caminham descalças, aos sons de tambores, e tantas histórias que Mônica Porto busca contar em forma de poesia, que não cabe num prefácio. O bom mesmo é ler todo o livro. *Dores de Ébano* é um grito de libertação e afirmação de vozes negras por tanto tempo silenciadas. Boa leitura!

Suely Bispo

Atriz, poeta, escritora e mestre em
Estudos Literários pela UFES – ES.

Sumário

Dores de Ébano	19
Dores da resistência	21
Ecos do passado	23
Almas descalças	25
Belezura	27
Os tambores vivem	28
Prisioneiro	30
Até breve, Neném Preta	31
Abolicionados?	32
Conversa inusitada	33
A minha dor pede passagem	34
Olhos de Zacimba	36
Mãe de toda dor	37
Flor do dia	38
Porto nosso de cada dia	40

São Beneditinho	42
Uma prece, um pedido, uma oração	43
Lições do espinheiro	45
Sinhá Abolição	46
Um erê	47
Deixa viver o samba	48
Turbante-se	49
Para ver o preto passar	50
A altivez daquela mulher	52
Canções de trabalho	54
Memórias de um suplício	55
Passarinheiro	56
Negros medos	57
Meninice	59
Herdeiros de um passado	60
História de um resgate	61
De gota em gota	62
Banzo	63
Mãe gentil	64
Rastros	65
O segredo de Dodô	66
Pegadas de Rosa	67
De como morri ao nascer	68

Driblando a vida	69
Festa do povo negro	70
Ao toque do crepúsculo	72
Que mal há?	73
Bá	74
Olhos que me ferem	75
Céu de Aruanda	76
As esquinas de Nagô	77
Meça tuas palavras!	78
Senhor Capitão	79
Mulheres resolutas	80
Descendentes	81
Constância	82
Seu Manezinho	84
Dona Joana, rezadeira	85
Ensaboando a vida	86
Iaiá Alzira	87
Das Dores	88
Mar revoltado	89
O tronco sou eu	91
Rezas de um povo	92
Prometidos	93
Cativa	94

A rede e o amor	95
O tambor e a cruz	96
Os porões que habitam em mim	97
Oxum chora	98
De cor	99
Do outro lado do rio	100
Dendê	101
Sementes de milagre	102
Festa dos ancestrais	103
Roda santa	104
Mãe d'água	105
Procissão em flor	106
Um Benedito	107
Personagem favorito	108
Um ébano	110
A bênção de Iaiá	111
Eu vim de lá pequenininho	112
Nas areias do tempo	113
Devolvam-me	114
Trocadilhos herdeiros	115
O acorde nas mãos	116
Solidão de mulher	117
Aos que me ferem	118

Senzala	119
Um quilombo em cada olhar	120
Rendição	121
Recado de Oxum	122
Baobá	123
Feitiços de Carolina	124
Preta	125
Senhoras do destino	126
Terra, água e sal	127
Mulher brasileira	129
Salve, Jorge	131
Esquinas do passado	132
Soberana	133
No céu da minha cabeça	134
Dores de Ébano II	136
Erga-se	138
Eterna caminhada	139
Sobre a autora	141

Dores de Ébano

As dores de ébano
Vêm do Egito.
São muitos troncos,
Os impropérios,
Os suplícios.
O coração arrancado do peito
Quando dos braços da mãe arrancaram um filho.
Rituais macabros,
Experiências científicas,
Orgias.
A carne negra violada,
Despojada,
Esquartejada...
Para dar o exemplo
Alguém disse.
As dores de ébano
Vêm do Egito.
Há muito tempo,
Ecoa esse grito.
São muitas as dores,
Mas, muitos os heróis
Que se erguem até hoje.
Gritemos juntos a uma só voz!
Ébanos querem respeito.
Viver do seu jeito
E nada mais.

As dores de ébano
Vêm do Egito.
Reverberam-se nos aflitos.
Aída leva as mãos ao peito...
Nada encontra
Além da tristeza de sua própria dor.
Um amor de ti fora arrancado.
Muitos amores dormem esquecidos...
Sob as pirâmides.
Sob as areias do tempo.
Sob as terras brasileiras.
Sob um céu de estrelas
Para lembrar que
As dores de ébano
Vêm do Egito.

Dores da resistência

Suas dores
De ébano,
De marfim,
De porcelana.
Você não me engana!
Como ousa escondê-las de mim?
Engula o choro!
Mas o que serão das suas enchentes?
De toda esta gente que veio antes?
Que o grito ecoa a não ter fim?
Suas dores também são minhas.
De toda a raça
Que vem e que passa
Nestes confins.
Das Dores mandou recado:
“Nem tudo está terminado!”
É preciso cair, às vezes.
Do chão é outro ponto de vista.
Suas dores,
De todos são.
De seu povo.
De sua nação.
Levante a cabeça!
Pois você não vê.
Há muitos erguidos atrás de você.

Suas dores
São minhas.
São deles.
De todos nós.
E, juntos, somos muitos!
É mais difícil calar a voz.
Se somos dores,
Paciência!
Somos senhores da resistência.

Ecoss do passado

Os tambores de Angola ecoam em meus pensamentos.
São lembranças de outros tempos...
De outros tempos.
O casario antigo e as pedras do caminho são testemunhas
concretas do destino atroz de meus irmãos.
As águas esverdeadas, de sangue ficaram manchadas.
Sangue de princesa que em sua condição de escrava
jamais aceitou sua sorte...
Seus açoites...
Sua morte.
Foram lutas sangrentas.
Histórias que querem apagar.
E os tambores de Angola que tocavam em celebrações
na África-Mãe tocavam agora nos funerais de pretos fujões.
Ora também silenciavam em desespero mudo
com tanto terror que se via.
Seus olhos não queriam crer.
As pretas mães viram seus filhos arrancados de seus braços
sem sequer saber a razão.
Famílias despedaçadas pela dor, horror, solidão.
Os tambores de Angola ainda tocam em minha alma,
que silencia e chora.
Percorro as ladeiras e ruas do Porto quando o sol se despede.
É mais um dia que se vai.
O Largo do Chafariz se põe dourado...
De uma luz única, singular.

Nem parece ter sido palco de tamanhos castigos,
humilhação, sofrimento.

O vento varre as ruas e atira as folhas dos oitizeiros no cais.

Murmura e em suas lamúrias traz os sons de outrora...

Traz o som dos tambores de Angola.

Mas tudo isso só em meus pensamentos,

porque no Porto agora só o silêncio,

o vazio, o esquecimento.

Os poemas são diálogos fugazes entre leitor, autor, personagens e ideias, mas que se prolongam no íntimo causando reflexões intensas no leitor. Os poemas nesta obra são reminiscências, talvez intuitivas e/ou vividas, de uma menina e sua trajetória até os caminhos que a tornaram mulher.

A ancestralidade passeia com a menina de mãos dadas, fazem cirandas e brincam com as palavras, mas, no meio do caminho, encontram o senhor tempo, que relembra que a vida é feita de ciclos e que é preciso seguir. Então, falam de coisas sérias, de dores guardadas, sufocadas em seu íntimo e de outros que passaram por seu caminho.

Dores de Ébano vem nos falar das dores do dia a dia, aquelas quase imperceptíveis e também daquelas grandes chagas vividas, sentidas na pele. Esta leitura convida-nos a viajar por sertões recônditos da alma de um ébano e vivenciar com o seu olhar as dores que transformam lágrimas em aprendizagem e resistência.

Afinal, os caminhos já foram marcados com o sangue e o suor de nossos antepassados, e estes serão honrados sempre que um ébano se levantar e seu olhar apontar os céus.

Certamente há muito a se dizer sobre isso, e que seja dito da forma mais bonita e tocante, que é a poesia.

